

# INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA PÚBLICA

## *(INCLUSION OF AUTISTIC STUDENTS IN THE FIRST YEAR OF PUBLIC ELEMENTARY SCHOOL)*

Antônia Bezerra Maia Avelino<sup>1</sup>

Maria Marlene da Silva<sup>2</sup>

Ruth Chaves da Silva Fernandes<sup>3</sup>

Thatiana Gonçalves de Carvalho Silveira<sup>4</sup>

Valdirene Guimarães do Nascimento<sup>5</sup>

Bruna Germana Nunes Mota<sup>6</sup>

### RESUMO

A pesquisa visa entender que, a ação pedagógica desenvolvida com as crianças com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental, do primeiro ano, dos anos iniciais, é inclusiva. A pesquisa tem como objetivo analisar como é feita a inclusão do aluno autista nos anos iniciais da escola pública. O percurso metodológico da pesquisa consiste na abordagem qualitativa, pesquisa descritiva com pesquisa de campo. Para coleta de dados utilizamos a entrevista contendo perguntas semiestruturadas, tivemos como amostra uma professora do primeiro ano do ensino fundamental que possui dois alunos com Transtorno do Espectro Autista em sala de aula, cada um com suas particularidades e graus de dificuldade, e a psicopedagoga do AEE. Concluimos que a inclusão tem caminhado em passos lentos, mas há uma necessidade de ampliação de práticas pedagógicas inclusivas para que seja efetivada em toda a educação brasileira.

**Palavras-Chave:** Inclusão. Transtorno do Espectro Autista. Escola Pública.

### ABSTRACT

*The research aims to understand that the pedagogical action developed with children, with autism, in elementary school from the first year of the initial years, is inclusive. The objective of this research is to analyze the process of inclusion of autistic students in the first year of elementary school in public schools. The methodological path of the research consists of a qualitative approach, descriptive research with field research. For data collection, we used an interview containing semi-structured questions, we had as a sample a teacher of the first year of elementary school who has two students with autism in the classroom, each with their particularities and degrees of difficulty, and the psychopedagogue of the AEE. We conclude that inclusion has been moving at a slow pace in general.*

**Keywords:** Inclusion. Autism. Public School.

### INTRODUÇÃO

---

1 Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: abmavelino@hotmail.com

2 Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: marlene.2930silva@gmail.com

3 Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: ruth.chaves15@gmail.com

4 Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: thatianacarvalho88@gmail.com

5 Aluna do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: Guimaraesval40@gmail.com

6 Professor(a) do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail:bruna.mota@uniateneu.edu.br

A inclusão é um princípio fundamental no âmbito educacional que busca promover a igualdade de oportunidades para todos os estudantes, independentemente de suas características individuais. Implica em afirmar que é muito mais que uma simples prática pedagógica; é um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O Transtorno do Espectro Autista, uma condição do neurodesenvolvimento, apresenta uma ampla variedade de características e desafios, tornando a sua inclusão uma tarefa complexa, porém crucial. Neste artigo, exploraremos o conceito de inclusão, a natureza do Transtorno do Espectro Autista e como a inclusão de alunos autistas deve ocorrer. Além disso, discutiremos as dificuldades que frequentemente surgem no processo de inclusão, destacando a importância de superá-las para garantir a plena participação desses alunos no ambiente escolar, especificamente ao que se refere às turmas de primeiro ano do ensino fundamental, marco de transição entre a educação infantil e os anos iniciais do fundamental. A compreensão desses aspectos é essencial para promover uma educação mais inclusiva e equitativa, na qual cada aluno possa atingir seu potencial máximo.

A justificativa do tema se deu após algumas discussões em grupo, na qual descobrimos o interesse pela área de neuro-psicopedagogia, caracterizada por uma ciência transdisciplinar, que se relacionam entre si para entender a relação entre o funcionamento do sistema nervoso e a aprendizagem humana, e o fato de alguns membros dessa pesquisa terem familiares ou parente dentro TEA (Transtorno do Espectro Autista) e pretende se aprofundar mais na temática.

A abordagem e a percepção da sociedade em relação às pessoas com deficiência têm se modificado gradualmente durante o passar dos anos no meio social, filosófico e científico, porém, por mais que aconteceram mudanças nos processos de melhoria de inclusão, podemos perceber que ainda não se alcançou o esperado.

Através da pesquisa buscamos solucionar questões, nas quais passamos a descobrir como facilitar essa inclusão dentro do ambiente escolar. O problema de pesquisa foi formulado a partir do questionamento: como é feita a inclusão do aluno autista nos anos iniciais da escola pública? A pergunta se faz fundamental para compreendermos a eficácia das práticas inclusivas nas escolas e identificar áreas que precisam de aprimoramento. Além disso, a pesquisa busca soluções para facilitar a inclusão no ambiente escolar, o que pode ter um impacto positivo não apenas para os alunos autistas, mas também para toda a comunidade escolar. Uma inclusão bem-sucedida pode contribuir para o desenvolvimento social, emocional e educacional dessas crianças, ao mesmo tempo em que promove a conscientização

sobre a diversidade e a importância de acolher todas as formas de habilidades e características.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o processo de inclusão de alunos autistas no ensino fundamental da escola pública. Os objetivos específicos são compreender quais métodos são utilizados na inclusão dos alunos autistas no primeiro ano do ensino fundamental, anos iniciais da escola pública; identificar as dificuldades encontradas pelos docentes na inclusão dos alunos com Transtorno do espectro autista nos anos iniciais da escola pública; descrever como é feita essa inclusão dentro da sala de aula nos anos iniciais da escola pública.

A pesquisa foi desenvolvida com a pretensão de conceituar e contextualizar a inclusão de crianças autistas no Ensino Fundamental, dividimos a pesquisa em pressupostos iniciais sobre a inclusão social e escolar e papel da escola como fundamental na identificação e a eliminação das diversas barreiras à inclusão.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Desenvolvemos a Fundamentação Teórica de acordo com os conceitos de alguns dos principais teóricos sobre o assunto como (Nascimento, 2014; Mantoan, 2003; Nicolau e Silva, 2010; DSM -5 -TR. 5, 2023). Iniciamos contextualizando a inclusão, onde procuramos definir o Transtorno do Espectro Autista. Em seguida, procuramos demonstrar a importância da inclusão nos anos iniciais. E terminamos discutindo sobre o papel da escola nesse processo de inclusão.

### **2.1 Inclusão: Conceitos e Pressupostos**

Percebemos que a maior dificuldade é encontrar profissionais da educação preparados para exercer a função e dar suporte de qualidade para essas crianças se desenvolverem de maneira adequada, promovendo uma melhor interação e socialização.

Entendemos que a função da inclusão é inserir os indivíduos excluídos ou segregados do meio social para que eles venham a se sentir acolhidos, fazendo parte da sociedade, com direitos e deveres. Segundo Nascimento (2014, p. 13) “isso só será possível quando cada cidadão, cada um de nós, entendermos que o movimento pela inclusão não é algo que está distante; o movimento pela inclusão é algo que deve fazer parte do nosso cotidiano”.

Compreendemos que a inclusão é necessária para todos nós que fazemos parte da sociedade. No entanto, é preciso que tenhamos informações esclarecedoras para contribuir com as famílias que possuem crianças com transtorno ou deficiência. A inclusão é um processo que se inicia na família e estende-se por toda a sociedade, basta que cada um faça sua parte.

A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas (especialmente as de nível básico), ao assumirem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, do modo como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada. (Mantoan, 2003, p. 32).

Segundo a autora, a inclusão vai além de aceitar a matrícula de um aluno com deficiência na escola regular, é necessário também fornecer condições para a operacionalização de um projeto político-pedagógico inclusivo, visto que as crianças sentem dificuldade na aprendizagem. Por tanto, é necessário que seja feito um currículo adaptado para que de fato haja um bom aprendizado. É importante que seja oferecido aos professores formação continuada para que eles possam colocar em prática os preceitos da educação inclusiva. A revolução no método de ensino dentro das escolas só pode ocorrer mediante a presença de educadores preparados para atender aos alunos com transtorno, visto que cada um tem suas especificidades e limitações. Assim, segundo Nicolau e Silva (2010, p. 6):

A escola inclusiva só é viável quando alicerçada no trabalho de parceria escola-família-comunidade e, em contexto mais restrito, em permanente colaboração entre docentes do conselho de turma-docente de educação especial-aluno, em particular quando os alunos têm problemáticas complexas, como é o caso do autismo.

Ainda segundo os autores, a fim de exercer a inclusão de fato, e garantir o aprendizado de todos os alunos na escola regular, é necessário antes de tudo, fortalecer a formação do corpo docente e incentivar uma grande rede de apoio entre alunos, professores, famílias, gestores escolares e demais agentes que são responsáveis pelas crianças com deficiência.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o artigo 59 da LDB/Brasil (1996), “garante que os sistemas de ensino assegurarão para o atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais, currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicas”, o processo da inclusão está evoluindo gradativamente e

positivamente. Em um dado período educacional, não era obrigatória a matrícula das crianças com deficiência nas escolas regulares e atualmente os pais ou responsáveis precisam matricular seus filhos, podendo sofrer punições caso não cumpram com suas responsabilidades.

A preocupação maior está relacionada as crianças com a deficiência de nível de suporte 3, conhecido como Transtorno do espectro autista severo, esse grau da deficiência reque mais atenção, pois além de ter as características do nível de suporte 1 (Transtorno do espectro autista leve) e nível de suporte 2 (Transtorno do espectro autista moderado) é o mais grave; a criança possui uma dificuldade na comunicação, tanto verbal quanto não verbal e depende de um apoio para ajudar nas suas necessidades, com particularidades bem específicas e muitas limitações, dessa forma não conseguindo acompanhar os demais alunos em salas regulares. Outra preocupação, são com profissionais especializados para atenderem o processo de desenvolvimento cognitivo, social e emocional.

Conforme Nicolau e Silva (2010, p. 6):

A escola inclusiva compreende uma concepção de ensino moderno que tem como principal intuito garantir o direito de educar a todos, nesse sentido, essa área de educação pressupõe acesso igualitário a oportunidades, além da valorização das diferenças entre pessoas, abrangendo assim, as dificuldades sociais, étnicas, intelectuais, culturais, físicas e de gênero.

Vale ressaltar que, uma das maiores dificuldades na inclusão é que nem todas as instituições de ensino estão adaptadas para receber as crianças com deficiência, falta a adaptação dos conteúdos nas escolas, e recursos para promover a inclusão tanto dentro como fora do âmbito escolar. Hoje é preciso pensar no sujeito, nos professores, pois a maioria ainda não são qualificados para lidar com essas questões. Visto que, para haver um melhor ensino aprendizagem precisa-se de docentes atualizados em relação as tecnologias e ferramentas que venham ajudar no desenvolvimento do aluno com deficiência. Não podendo esquecer que a família também é uma extensão da escola e vice-versa.

## **2.2 A Transtorno do Espectro Autista nos anos iniciais**

A importância da inclusão nos anos iniciais para as crianças com Transtorno do espectro autista não está voltada apenas para o ensino e aprendizado, mas também para a

integração dessas crianças na sociedade. É preciso que essas tenham contato com outras crianças e superem seus medos e dificuldades em ambientes diferentes. Segundo Ponce e Abrão (2019), ratificamos que a inclusão, além de abordar questões pedagógicas específicas, circunscritas ao campo do ensino-aprendizagem, proporciona uma experiência de aprendizagem muito mais ampla, que se efetiva pelo contato com outros alunos e pela experiência advinda da convivência em ambientes que proporcionam novas demandas a criança com Transtorno do espectro autista. Podemos perceber a importância da inclusão para uma criança autista, não apenas para se desenvolver na escola, como também na sociedade e no convívio com outras pessoas.

Por isso, é tão importante trabalharmos a inclusão com as crianças com deficiência, contribuindo para inserção no ambiente social, podendo assim seguir uma rotina diária, respeitando os limites emocionais, físicos e intelectuais da criança.

Segundo Ponce e Abrão (2019, p. 12) “o maior problema da inclusão não diz respeito à impossibilidade de manter o aluno com Transtorno do espectro autista na escola regular e sim a necessidades dos professores estarem preparados para recebê-los”. É fundamental a preparação do corpo docente em uma escola para receber crianças com transtorno do espectro autista nas séries iniciais. O conhecimento do docente faz total diferença na aprendizagem do aluno, pois teremos profissionais capacitados para estar na escola, ensinando cada criança, com um plano de aula adequado.

Sabemos que para um professor poder atuar em sala de aula, precisa concluir sua licenciatura. Mas isso não significa que ele esteja totalmente apto para enfrentar uma sala de aula que tenha crianças com deficiências, é preciso um conhecimento especializado em educação especial, esse que será agregado na formação inicial, colaborando com o seu preparo para trabalhar com todas as crianças que ensinará, independente de ser uma criança atípica ou não.

Por conta dessa falta de capacitação, podemos identificar várias dificuldades por parte do corpo docente: a adaptação de cada criança com deficiência, a forma correta de abordar, a inclusão com todos os alunos e outros desafios presentes na rotina da sala de aula. Isso se torna algo desafiador, por muitas vezes não sabermos qual a melhor forma de agir diante de cada aluno. Mas, quando é adquirido um conhecimento, se torna mais eficaz o seu trabalho, conseguindo desenvolver suas atividades, obtendo bons resultados com seus alunos.

Uma escola quando consegue obter um quadro de docentes capacitados para receber cada criança com deficiência, torna o trabalho muito mais eficaz, alunos mais desenvolvidos e o ambiente de sala de aula mais leve.

Conforme Mantoan (2003) é fundamental que haja interação e comunicação dos alunos com Transtorno do espectro autista e as crianças ditas “normais”, para que eles se sintam verdadeiramente acolhidos e incluídos no ambiente escolar. Assim, fazendo com que cada criança com deficiência consiga se socializar, quebrando preconceitos, superando seus limites e tendo um bom convívio com todos. Qualquer criança, seja sem ou com alguma deficiência, precisa ter o direito de inclusão na sociedade, principalmente no ambiente escolar, não sendo excluída de atividades diárias, mas tendo sua participação com adaptação para cada criança, respeitando seus limites e suas diferenças.

A interação entre os alunos é essencial para que seja formada a empatia entre eles. Um trabalho realizado pela escola e a família, de forma conjunta, ensinando cada criança a compreender e respeitar as diferenças um dos outros. Um trabalho de formiguinha, que é realizado dia após dia, vai fazer a diferença na vida de muitas crianças com deficiências. Trabalhando a aceitação, a compreensão e a inclusão de todos. Assim, podemos proporcionar um ambiente mais harmonioso para todas as crianças, independentemente de suas diferenças.

### **2.3 O papel da escola no processo de inclusão**

Assegurar a inclusão nas escolas do Brasil vem sendo um grande desafio, tanto para as instituições de ensino quanto para os educadores, além das diferenças culturais e sociais de cada educando. As escolas e professores muitas vezes não estão preparados e se vêm sem apoio para lidar com esse processo. Para Mantoan (2003, p. 26):

Estamos acompanhando, passo a passo, os países mais desenvolvidos em educação escolar, no que diz respeito ao conhecimento das inovações educacionais, e temos clareza de seus benefícios, quando devidamente adotadas pelas escolas. Afinal, vivemos em um mundo globalizado, onde as novidades correm, as notícias chegam rápido para todos.

Quando pensamos em escola, logo nos vem à mente um lugar de socialização e de aprendizado. E quando falamos em escola inclusiva, como imaginamos? Essa pergunta nos deixa pensativos, nos faz pensar que a escola inclusiva deverá ser justa e democrática que inclui o indivíduo sem qualquer discriminação e com suas diferenças, com ou sem deficiência. Segundo Beyer (2013, p. 28) “A primeira condição para a educação inclusiva não custa dinheiro: ela exige uma nova forma de pensar”. Sendo assim, incluir não se trata apenas de inserir na sociedade o indivíduo, mas sim fazer mudanças. As instituições de ensino precisam

se adaptar à realidade dos seus alunos para atendê-los com qualidade, independente se possuem ou não deficiência. A escola tem um papel de grande importância no processo de desenvolvimento do aluno.

Assim, a escola inclusiva tem que pensar nas diferenças dos alunos e saber que cada um tem suas particularidades. E isso precisa ser respeitado, para que nesse ambiente ele se sinta acolhido e amado, podendo se desenvolver socialmente para que sua aprendizagem no contexto escolar tenha bons rendimentos. Corroborando com esse pensamento, Cunha (2018, p.132) “Se não podemos ser afetivos sem adquirir os predicados necessários ao exercício docente tampouco podemos exercer a prática pedagógica sem os atributos do amor”.

Podemos assim definir que a inclusão é amar o próximo independente de suas características. É fazer com que o outro se sinta acolhido, cabendo a escola conviver com pessoas diferentes, respeitando suas limitações.

Os professores precisam de preparação e de estratégias de ensino. As escolas precisam ter uma equipe preparada, pois só assim haverá mediação ao receber um aluno com deficiência. Conforme Mantoan (2003, p. 42):

Na formação em serviço, os professores reagem inicialmente à metodologia que tenho adotado, porque estão habituados a aprender de maneira fragmentada e essencialmente instrucional. Eles esperam uma preparação para ensinar os alunos com deficiência e/ou dificuldades de aprendizagem e problemas de indisciplina, ou melhor, uma formação que lhes permita aplicar esquema de trabalho pedagógico predefinidos às suas salas de aula, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumem encontrar nas escolas ditas inclusivas.

Segundo a autora acima, os professores na sua formação docente não recebem esse preparo para enfrentar a sala na perspectiva inclusiva, sendo obrigados a se adaptarem a essa nova prática, mesmo sem uma formação na área inclusiva.

Na recente Política Nacional de Educação Especial de 2008, observa-se uma lacuna importante no que diz respeito à formação de professores.

Para atuar na Educação Especial, o professor deve ter como base da sua formação inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos,



nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de Educação Especial. (Brasil, 2008, p. 17-18)

O reconhecimento dessas dificuldades na formação docente voltada para a educação inclusiva não deve ser uma justificativa para um fracasso e, sim, para que se repense em uma forma de fazer uma educação de qualidade para todos.

## **2.4 Atendimento Educacional Especializado (AEE)**

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) veio para ajudar na educação das crianças com deficiências no ensino regular, seja ela qual for; também contribui para desenvolvimento e aprendizagem nas escolas. Esse atendimento é ofertado no contraturno e trabalha as habilidades e dificuldades dos alunos, norteia os professores nas observações e realiza as intervenções necessárias.

O Atendimento Educacional especializado - AEE, é um serviço da educação especial que “[...] identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as cadeiras para a plena participação dos alunos considerando suas necessidades específicas (SEESP/MEC, 2008, p 9).

O atendimento no AEE é ofertado para dar um suporte ao ensino das crianças com deficiência em sala de aula regular, para identificar e eliminar as barreiras que impedem esse aluno de estar inserido na sociedade.

Para atuar no AEE os professores precisam ter formação na área específica, atendendo os objetivos da educação especial. Devem buscar formação continuada e ampliar seus conhecimentos com conteúdo próprio para o atendimento.

Nesse espaço são feitas atividades e estratégias para proporcionar o desenvolvimento do aluno em sala de aula. Então, a sala de recursos multifuncionais precisa estar bem preparada com materiais didáticos, pedagógicos e profissionais que tenham formação para fazer o acompanhamento das crianças com necessidades educacionais especial. De acordo com esses objetivos, o processo de implantação das salas de recursos multifuncionais, o MEC/SEESP (2010), realiza as seguintes ações:

Aquisição dos recursos que compõem as salas; Informação sobre a disponibilização das salas e critérios adotados; Monitoramento da entrega e instalação dos itens às escolas; Orientação aos sistemas de ensino para a organização e oferta do AEE; Cadastro das escolas com sala de recursos multifuncionais implantadas; Promoção da formação continuada de professores para o AEE; Encaminhamento, assinatura e publicação dos Contratos de Doação; Atualização dos recursos das salas implantadas pelo Programa; Apoio à acessibilidade nas escolas com salas implantadas. (MEC/SEESP, 2010, p. 16)

Diante dessas ações percebe-se que as implantações das Salas de Recursos Multifuncionais (SEM) nas escolas é de suma importância para o desenvolvimento dos alunos, pois com esses acompanhamentos, as escolas se sentem mais preparadas para dar suporte aos alunos e os professores.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Tipo de pesquisa**

A pesquisa tem como abordagem qualitativa a de caráter descritiva, com pesquisa de campo.

Dessa forma, pretendemos encontrar as respostas para causa e efeito de nosso objeto de estudo. Para Gil (2018) estes métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais. Mas especificamente, visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada.

A pesquisa é de natureza qualitativa, que segundo Minayo (2013) esse tipo de pesquisa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Nossa pesquisa se classifica como exploratória descritiva, que para Severino (2013), a pesquisa exploratória descritiva busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. A descritiva é um método que coleta informações detalhadas e específica.

#### **3.2 Local da pesquisa**

O ambiente da pesquisa ocorre em uma instituição de Educação Infantil e Ensino Fundamental do ensino público, localizado no bairro São Cristóvão, Jangurussu, Fortaleza, Ceará.

A escolha dessa escola se deu por ela ter uma quantidade expressiva de alunos autistas nos anos iniciais. Verificamos também que ela possui sala de recursos multifuncionais, AEE (Atendimento Educacional Especializado). Dessa forma concluímos ser de interesse mútuo que a pesquisa fosse feita em uma instituição onde pudéssemos trabalhar com todos os recursos voltados para a inclusão do aluno com a Transtorno do espectro autista.

### **3.3 Participantes**

Esse trabalho teve como participantes a psicopedagoga do AEE (Atendimento Educacional Especializado), pois ela faz o acompanhamento desses alunos, como também dá suporte aos docentes em relação as adaptações das atividades a serem trabalhadas em sala. Uma professora do primeiro ano, do ensino fundamental I, no turno da manhã, que possui dois alunos com a Transtorno do espectro autista e 3 em investigação, para entender como se aplica na prática as metodologias de ensino da instituição, como também a própria didática dos professores em sala de aula. Faremos também duas observações em sala para verificar o processo de inclusão no ambiente escolar e também por se tratar de pessoas que irá contribuir com nosso tema de pesquisa.

### **3.4 Coleta e análise de dados**

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, que segundo Severino (2007) são aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

Outro instrumental para a coleta de dados, que foi feita em sala, tendo como objeto de observação as práticas inclusivas dos alunos com Transtorno do espectro autista, um

integrante da equipe fez duas observações, assim pode analisar os participantes do processo, que de acordo com Gil (2018) é frequentemente utilizada em pesquisas que tem como objetivo a descrição precisa dos fenômenos ou o teste de hipóteses. Nas pesquisas deste tipo, o pesquisador sabe quais os aspectos da comunidade ou grupo, que são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Por essa razão, elabora previamente um plano de observação. Os dados serão analisados de forma manual, através da interpretação coerente dos fatos apresentados durante a coleta.

De acordo com Minayo (2013), ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Através das seguintes perguntas procuramos entender como a inclusão da criança autista é feita e quais as estratégias utilizadas para a construção desse aluno na vida escolar. No entanto, também analisamos quais os desafios encontrados pelos professores da sala, e as contrições do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

As perguntas a seguir foram feitas para a professora do primeiro ano, do ensino fundamental I, no turno da manhã, que possui dois alunos com a Transtorno do espectro autista.

A primeira pergunta foi sobre formas de avaliar pedagogicamente crianças com Transtorno do espectro autista em sala de aula: **como avaliar os estudantes com Transtorno do espectro autista em sala de aula?** A professora relatou:

Bom, é um desafio muito grande, porque cada autista tem a sua especificidade. E antes de avaliar, a gente precisa encontrar quais são as potencialidades em cada criança autista. Depois que a gente encontra, a gente vai adaptar as atividades. Além das atividades, iremos adaptar também formas de avaliação para cada criança. Eu tenho em sala pela manhã duas crianças autistas, uma delas já se sente à vontade, pede para fazer as atividades iguais a dos colegas. A outra já não se sente à vontade, ela não gosta de escrever, ela gosta mais de verbalizar. Como eu avalio ambos, se um não escreve, mas tem interesse, e a outra criança não demonstra interesse, também não escreve, mas verbaliza muito bem. Eu avalio dentro das potencialidades de cada um deles. Eu observo o que eles sabem de conteúdos de aprendizagens convencionais. E vou desenvolvendo com

eles de forma singular. A avaliação deles é diferente, uma avaliação baseada em observações do dia a dia deles em sala de aula. Uma avaliação baseada naquilo que eles conseguem fazer, de acordo com os limites e potencialidades de cada um.

De acordo com a professora, cada criança autista é única em sua forma de assimilar os conhecimentos e de expressar os mesmos. Ela deixa claro a necessidade de se utilizar os instrumentos certos, afins de facilitar o aprendizado, avaliando cada criança de acordo com suas potencialidades. Ela acredita que esse seja o grande desafio que se enfrenta ao trabalhar os saberes da criança autista. De acordo com Mantoan, (2003, p. 33),

As escolas que reconhecem e valorizam as diferenças têm projetos inclusivos de educação e o ensino que ministram difere radicalmente do proposto para atender às especificidades dos educandos que não conseguem acompanhar seus colegas de turma, por problemas que vão desde as deficiências até outras dificuldades de natureza relacional, motivacional ou cultural dos alunos. Nesse sentido, elas contestam e não adotam o que é tradicionalmente utilizado para dar conta das diferenças nas escolas: as adaptações de currículos, a facilitação das atividades e os programas para reforçar aprendizagens, ou mesmo para acelerá-las, em casos de defasagem idade/série escolar.

Na segunda pergunta, procuramos saber sobre a adaptação de atividades para esses alunos **existe apoio do AEE nas adaptações de atividades com alunos autistas em sala de aula? Como essas atividades são adaptadas.** A professora respondeu:

Com relação as atividades, procuro a professora do AEE para saber se ela tem alguma atividade adaptada para aquele aluno. Caso não tenha, o que ela está trabalhando com ele nos atendimentos individualizados. Baseada nessas informações, começo a produzir material para trabalhar aquele aluno. Eu acredito que devido à grande demanda de crianças não somente autistas, mas com outras necessidades, esse trabalho que deveria ser feito pelo AEE, acaba não chegando para o professor. O apoio acaba não chegando para o professor por conta dessa infinidade de demandas. Dessa forma, procuro utilizar também material que a gente já tenha em sala de aula. Percebo que eles gostam de utilizar os mesmos recursos que os colegas em sala. Embora isso só faça sentido se eu estiver com ele mediando esse aprendizado. O que nem sempre consigo fazer devido as altas demandas.

De acordo com a professora, a adaptação de atividades que deveria ser planejada juntamente com a professora do AEE, deixa a desejar devido à complexidade das demandas

do AEE. Isso faz com que a mesma produza as atividades adaptadas sozinha, baseada em informações sobre esse aluno junto ao AEE. Percebemos que esse trabalho entre professor regente e professor especialista, seria muito mais eficaz e interessante se feito de maneira conjunta, pois haveria uma troca de informações muito proveitosa entre as partes. É importante que essas crianças sejam participativas em sala, para que possa haver uma inclusão de fato.

Segundo Capellini (2008, p. 28),

O trabalho Colaborativo é um modelo de prestação de serviço de educação especial no qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade. Juntos eles definem propostas de alterações nas metodologias de ensino, adaptações curriculares, modos de avaliação entre outros, conforme a necessidade individual de cada criança/pessoa e assim proporcionar acesso igualitário à aprendizagem com sucesso e êxito.

Na terceira pergunta procuramos saber: **você acredita que um apoio para acompanhar a criança com Transtorno do Espectro Autista é importante para seu desenvolvimento e inclusão em sala de aula?** A professora afirmou:

Com certeza. Eu acredito que é fundamental, na verdade, porque é a inclusão. Ela é importante, ela é necessária, mas ela precisa ser feita de maneira consciente, então assim você coloca três ou quatro crianças em uma sala. Esperar que uma professora só dê de conta de ambientar aquelas crianças, adaptar atividades, pensar nelas com olhar individualizado; e também não desprezar, não deixar de lado as outras crianças que não têm Transtorno do espectro autista; é muito necessário. Assim, então eu acredito sim, que deveria ter na prefeitura de Fortaleza todas as escolas com uma demanda é do trabalho com as crianças. Autistas têm aumentado. Deveria se aumentar também a quantidade de profissionais, um profissional em cada sala, no mínimo pra dar esse apoio não somente para o professor, mas principalmente para criança, que muitas vezes, por conta das muitas demandas, ela acaba ficando ali, meio que abandonada, do lado, por conta da falta mesmo desse acompanhamento.

Mediante o que aponta a professora, vimos que, umas das dificuldades que ela sente é a falta de apoio para que ela possa trabalhar com aquele aluno com deficiência. Nesse cenário, conforme Ferreira e De França (2017, p. 07)

O diagnóstico de Transtorno do espectro autista é feito a partir dos 2 e 3 anos de idade, já se pode laudar, um médico diante de observação da criança, a partir do que a mãe percebe desde pequeno, na creche é a partir de 1 ano de idade que crianças frequentam, então a partir de 2 e 3 anos a gente começa a observar comportamento dentro de sala, refeitório e em todos os lugares. A gente conversa com os pais, os professores, e diante da observação feita em alguns dias, gera o relatório dessas crianças, que já receberam diagnóstico do médico.

Podemos identificar na fala da entrevistada, que é necessário a observação do comportamento da criança, na sua rotina com a família e no ambiente escolar, sendo encaminhado a um profissional para que a criança possa ter seu diagnóstico. Em torno de três anos de idade, é possível diagnosticar a criança com o transtorno do espectro autista.

De acordo com, Pinto *et.al* (2016), os sinais possuem expressividade variável e geralmente iniciam-se antes dos três anos de idade. A criança com TEA apresenta uma tríade singular, a qual se caracteriza pela dificuldade e prejuízos qualitativos da comunicação verbal e não verbal, na interatividade social e na restrição do seu ciclo de atividades e interesses.

Na sétima pergunta procuramos identificar **de que forma o professor do AEE pode contribuir com o acolhimento e o aprendizado dessas crianças em sala de aula.** A Psicopedagoga relatou:

A gente conversa com os professores, dá orientação de como incluir a criança em sala de aula, e a gente conversa com os pais a importância do acompanhamento nas terapias e que é todo um conjunto. Criança deve ser acompanhada pelo neuro, pelas terapias e pelo à sala do AEE, e em sala de aula o professor tem que incluir essa criança no limite dela, e de acordo com o que ela consegue fazer.

Deste modo pode-se observar que a professora do AEE junto aos docentes e família, tem contribuído para que a construção da aprendizagem dessas no ambiente escolar. Conforme Resolução CNE/CEB n.4/2009, art. 13, são atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado:

I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial; II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade; III – organizar o tipo e o

número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais; IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola; V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade; VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno; VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação; VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares. (Brasil, 2009, p.3)

Na oitava pergunta procuramos verificar se **na escola, os professores devem ficar atentos a quais comportamentos**. A Psicopedagoga afirmou que

O comportamento das crianças, a agitação da criança, se ela não tem concentração, se ela não evolui na aprendizagem, se ela apresenta heterotopia, se ela apresenta agressividade, como é que é o relacionamento dela com as outras crianças, como é a interação dela em sala de aula. No recreio, a gente tem pessoas também que observa essas questões do comportamento. É todo um conjunto de aprendizagem como de comportamento, o professor sempre deve estar atento a essas questões.

Para que se fique atento ao comportamento, a psicopedagoga relata algumas características que a criança com Transtorno do espectro autista ou qualquer outra deficiência intelectual costuma mostrar, a causa do Autismo ainda são desconhecidas, mas várias doenças neurológicas ou genéticas têm contribuído para a causa da Transtorno do espectro autista.

[...] A lista de situações patológicas é muito extensa e inclui fatores pré, peri e neonatais, infecções virais neonatais, doenças metabólicas, doenças neurológicas e doenças hereditárias. Apesar da ausência aparente de ligação entre elas, um ponto comum às reúne: todas as patologias são suscetíveis de induzir uma disfunção cerebral que interfere no desenvolvimento do sistema nervoso central. (Leboyer, 2005, p. 60).

Na pergunta seguinte procuramos saber: **Todas as crianças com um interesse específico por um assunto podem ser diagnosticadas com Transtorno do espectro autista?** A Psicopedagoga respondeu que



Não, o Transtorno do Espectro Autista não é só essa característica de ter um hiperfoco, são várias as características que devem ser observadas, a questão da visão de manter o olho no olho, a questão da seletividade alimentar, a questão da interação social, a questão a sensibilidade auditiva, a questão motora que muitas vezes é afetado, então é um conjunto que deve ser analisado. Vamos supor que a criança gosta de dinossauro, isso não quer dizer que ela é autista, não, tem que se observar e avaliar essa criança.

Para a professora do AEE o hiperfoco é uma das características mais comuns das pessoas com Transtorno do espectro autista. Muitas vezes o hiperfoco inclui o elemento de reunir objetos ou fatos. É comum, para muitos autistas, que eles mantenham a atenção em algo por horas quando se trata de um assunto que eles apreciam e/ou se identificam.

Kerches (2019, p. 14) nos afirma que

O cérebro incorpora novos aprendizados através de redes neuronais de preferência que vão se formando através de experiências vividas como significado e/ou repetidas; a estratégia deve ser então no sentido de agregar a estes formadores através de hiperfoco, novas informações, ampliando o interesse e o conhecimento da criança. Isso deve ser feito através de atividades interessantes, motivadas e reforçadas.

A próxima pergunta foi **de acordo com PPP da escola, quais as estratégias usadas para garantir a inclusão das crianças com Transtorno do espectro autista?** A Psicopedagoga citou que

No início de cada semestre a gestão juntamente com os professores faz o encontro pedagógico antes de começar as aulas, e sempre existe a fala do acolhimento, das diferenças que cada um tem, das características, e que todos nós somos diferentes então eles acolhem, eu acho que isso demonstra ao longo do ano o acolher e o incluir junto as outras crianças. As crianças não têm preconceito uma com as outras, quem tem são os pais do que mesmo as crianças e os professores, os pais geralmente não querem aceitar que a criança tem alguma coisa, demoram aceitar e ir atrás de tratamento, eles são muito resistentes no caso de procurar o médico para que seja receitado o medicamento, então tem todo um preconceito por parte dos pais de aceitar.

faz-se relevante a contribuição da escola no ensino aprendizagem dessas crianças, sendo essencial que o ambiente escolar forneça o caminho para melhorias das práticas e métodos que contribuam para o ensino e desenvolvimento aprendizagem da criança autista. Apesar das leis assegurarem os direitos de um ensino inclusivo, a realidade mostra-se diferente, pois os professores carecem de uma formação especializada, além da responsabilidade direcionada a um só professor em sala de aula.

Na quarta pergunta, procuramos verificar **quais são os desafios encontrados pela professora para que essa inclusão em sala de aula aconteça de fato**. A professora responde que:

Eu acho que um dos desafios maiores, Além da questão do conhecimento, que muitas vezes nos falta mesmo, a gente estuda, a gente faz disciplinas, a gente participa de eventos, mas na verdade, lidar na prática com essas crianças baseada nos mais diversos níveis da Transtorno do espectro autista é um desafio muito grande, porque nos falta tanto esse conhecimento, como um apoio que muitas vezes nos falta também, Que acaba sendo um desafio lidar com as famílias. Quando a gente chama atenção para que a família ajude, para que a família medite, para que a família encare, essa condição da criança autista como algo que precisa de um acompanhamento. Porque é muito diferente quando você encontra uma criança autista que tem um acompanhamento e uma criança autista que apenas vai estar ali. Que foi colocado na escola com um discurso de inclusão e que, na verdade, ela acaba ficando meio de lado. Assim, os desafios são inúmeros, mas, o que eu posso citar diante mão. É justamente a falta de conhecimento, muitas vezes para lidar com tantas especificidades. A falta de apoio e a falta dessa parceria, entre a família e a escola.

Percebe-se na fala da professora que a falta de preparo mesmo diante dos conhecimentos adquiridos, lidar na prática com a inclusão das crianças autistas é um desafio muito grande.

De acordo com Mantoan (2003), os professores esperam uma preparação para ensinar os alunos com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem e problemas de indisciplina, ou melhor, uma formação que lhes permita aplicar esquemas de trabalho pedagógico predefinidos às suas salas de aula, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumem encontrar nas escolas ditas inclusivas.

Na quinta procuramos apontar **quais as contribuições da sala de recursos para o desenvolvimento em sala da criança com Transtorno do espectro autista**. A professora respondeu:

Assim, conforme falei anteriormente, eu não sinto tanta contribuição, não é assim mais próxima. Eu sei que a sala de recursos ela oferece um acompanhamento individualizado semanal para essas crianças. E aí, sempre que eu preciso de uma ajuda com relação a mediar algum momento que a criança não está se sentindo bem, eu tenho esse apoio. Então, assim fica, na verdade, eu acredito mais reduzida essa questão de assistência do que mesmo ajuda ali mais próxima. Mas, eu acredito que realmente, devido às muitas demandas. Eu não sei se esse profissional se frustra tanto quanto a gente. Muitas vezes se frustra, né? E a gente sabe que é algo que tem na escola. Mas que a gente não tem pernas, não tem braços para abraçar todas as dificuldades de cada sala. Então assim, é quando eu preciso de algo relacionado às minhas crianças, com relação a ligar para a família ou mediar algum conflito, eu recorro a elas e aí eu sempre tenho esse apoio, mas é algo que precisa ser buscado, não é algo tipo: “estou aqui”, “o que que eu posso fazer?”, “como é que está essa criança?”. Não é um acompanhamento ali, na verdade é constante. É algo que eu sei que acontece com relação ao atendimento individualizado das crianças, mas, em sala de aula o apoio que eu tenho é somente esse. Quando a criança, ela não está se sentindo bem por algum motivo, eu chamo e aí a gente tem essa ajuda nesse sentido.

De acordo com a fala da professora, a criança precisa desse acompanhamento individual que é fundamental para o seu desenvolvimento, mas também a mesma ressalta a importância de ter um apoio em sala de aula com as crianças autistas, ela sente falta de uma ajuda espontâneo por parte da escola, pois precisa está solicitando apoio para mediar os conflitos em sala de aula.

Para, Silva (2019), enfatiza-se que o profissional de apoio ao professor, ou acompanhante especializado, torna-se necessário para que ocorra esse processo de inclusão, principalmente nos casos de crianças e adolescentes com maiores dificuldades de socialização, linguagem e comportamentos repetitivos.

Constatamos que as escolas recebem os alunos com necessidades especiais na tentativa de inclusão, mas não realizam as adaptações necessárias para que aconteça de forma eficaz.

As perguntas a seguir foram feitas para a professora do AEE, que possui formação em pedagogia e especialização psicopedagogia clinica institucional e com vinte e dois anos de experiência, entre sala de aula e sala de AEE.

#### **Perguntas para a professora do AEE:**

Na sexta pergunta procuramos analisar **qual idade geralmente é possível diagnosticar se a criança tem Transtorno do espectro autista**. A Psicopedagoga respondeu:

Analisando a fala da psicopedagoga, se pode ver que a escola ela tem feito o que está ao seu alcance, porém ainda precisa ser trabalhado com a família, a questão do acolher, pois ainda se ver de certo vestígio de preconceitos e de aceitação por parte dos familiares.

Segundo Sousa e Filho (2008) *apud* Silva (2013),

[..] a sintonia entre escola e família torna-se um elemento facilitador para que a vida escolar seja vivenciada com maior tranquilidade, deste modo, os pais podem transmitir segurança a seus filhos e, conseqüentemente, facilitar o processo de adaptação.

A família é o primeiro contato que a criança tem, então ela deve fortalecer a relação entre o aluno e comunidade escolar, é de suma importante no contexto escolar do educando que os familiares estejam sempre presentes. Tendo o apoio da família, ele tem mais segurança e isso reflete no seu desempenho escolar.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa colaborou para que pudéssemos refletir sobre as contribuições da inclusão desses alunos em sala regular de ensino. Portanto, compreendemos que para que haja de fato uma educação inclusiva junto com o ensino aprendizagem, é necessário fortalecer a formação docente com práticas voltadas para inclusão nas salas regulares e criar uma rede de apoio com gestores, docentes, alunos e principalmente com as famílias.

Através das experiências vivenciadas nos estágios da universidade, assim como no trabalho efetuado junto a SME de Fortaleza, percebe-se que na verdade existe uma integração e não uma inclusão, desses alunos na sala regular de ensino. O trabalho do professor em sala de aula, junto a professora do AEE e a família, precisa acontecer de fato para que a criança autista possa se desenvolver dentro de suas possibilidades, e, assim, ela seja incluída dentro dessa sala de aula.

Em relação a família, vimos a importância do diálogo com a família, afim de esclarecer todos os fatos sobre o aluno em questão, assim como para mostrar a importância da criança ser acompanhada por um neuropediatra e participar de terapias voltadas para ela. É importante que a família esteja consciente também do atendimento da criança no AEE. Nesse atendimento será trabalhado as dificuldades da criança em sala de aula, apontadas pelo professor da sala regular e observadas pela professora do AEE.

Concluimos esse trabalho na certeza de que ainda temos muitas mudanças a serem feitas para que haja uma inclusão de fato de crianças autistas no primeiro ano, na escola pública. A inclusão existe na lei, mas ainda não acontece na sala de aula regular.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola: de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais**. 4. Ed-Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**. LDB. 9394/1996. Brasil.

BRASIL. MEC/SEESP. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. MEC. Manual de Orientação: **Programa de Implementação de Sala de Recursos Multifuncionais**. Brasil, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC, 2008.

BRASIL. Resolução CNE/CEB 4/2009. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de outubro de 2009, Seção 1, p. 17.

CAPELLINI, V. L. M. **O direito de aprender de todos e de cada um**. In: MORAES, M. S. S.; MARANHE, E. A. (Org.). Introdução conceitual para a educação na diversidade e cidadania. Bauru: Ed. UNESP-SECAD-UAB, 2008.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Práticas Pedagógicas para a inclusão e diversidade**. 7.Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

FERREIRA, Mônica Misleide Matias; DE FRANÇA, Aurenia Pereira. **O Transtorno do espectro autista e as Dificuldades no Processo de Aprendizagem Escolar**. ID on line REVISTA DE PSICOLOGIA, v. 11, n. 38, p. 507-519, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa social**. Editora Atlas, São Paulo, 2018.

KERCHES, Deborah. Hiperfoco na Transtorno do espectro autista. **Déborah Kerches – neuropediatria**, 2019. Disponível em: <http://dradeborahkerches.com.br/hiperfoco-no-Transtorno-do-espectro-autista/>. Acesso em: 15 de março de 2022.

LEBOYER, Marion. **Transtorno do espectro autista infantil: fatos e modelos**. 5ª ed. Campinas, SP, Papirus, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** Editora Moderna, São Paulo, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Editora Vozes, Petrópolis RJ, 2013.

NASCIMENTO. L. B. P. **A importância da inclusão escolar desde a educação infantil**. 2014. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Departamento de Educação – Faculdade Formação de Professores. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

NICOLAU, Paula Cristina Leitão; SILVA, Maria Odete Emygdio. **O Papel da escola no reforço da ética e valores relativamente à inclusão**, 2010.

PINTO *et.al* (2016). **Transtorno do espectro autista infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Scielo - Scientific Electronic Library Online, São Paulo, 2016.

PONCE, Joice Otávio; ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. Transtorno do espectro autista e inclusão no ensino regular. **Revista Estilos da Clínica**, Volume 24, São Paulo, Brasil, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. . São Paulo: Cortez. : 2013.

SILVA, Cláudia Luciene de Moraes. **A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA ESCOLA SOB A ÓTICA DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – PPP**. Escola de gestores da educação básica, Belo Horizonte, 2013.

SILVA. Themylle Tavares Silva. **A mediação do professor da educação infantil com uma criança com transtorno do espectro autista**. João Pessoa PB, 2019.